TRIGO

Alta dos preços assusta importadores

A pressão altista sobre as cotações do cereal se explica pela redução a 37 milhões de toneladas da produção de inverno norte-americana. A forte alta dos preços tem levado a sucessivos aumentos no preço interno da farinha de trigo, no Brasil, e acarretará maior dispêndio com as pesadas importações do cereal. A produção porém deve aumentar, prevendo-se uma safra total da época de até 3,3 milhões de toneladas, das quais 2,6 milhões serão de trigo.

A quebra da safra de inverno dos EUA, responsável por cerca de 2/3 da produção total do país, tem sido responsável pela mais recente pressão altista sobre as cotações do cereal. Com efeito, toda a imprensa mundial divulgou que, em abril, os preços futuros do milho e do trigo atingiram o valor mais alto em 119 anos, na Bolsa de Chicago, em razão da redução a 37 milhões de toneladas da produção de inverno norte-americana, 12% abaixo daquela da mesma época do ano passado. Os relatórios referentes à colheita dão conta de que cerca de metade do produto é considerada "ruim e muito ruim". No estado de Kansas, maior produtor do país, esse percentual chega a 62%.

Esta retração foi mais um dos fatores de alta atuantes no mercado internacional, que vem acompanhando com ansiedade a situação dos estoques globais, considerada preocupante. De fato, a safra 1995/96 iniciou-se com estocagem de 117,38 milhões de toneladas, já tida como apertada, pois o consumo total é da ordem de 551 milhões e se encerra com estoques de 101 milhões. Afinal, além da diminuição das reservas mundiais, provocada por quebras de safra em alguns dos principais produtores mundiais, a demanda continua crescendo.

Isso traz de volta as dúvidas sobre se a tecnologia aplicada à agricultura (ver *Agroanalysis*, *16*(1), jan. 1996) será capaz de evitar uma crise planetária de alimentação diante da expansão da humanidade. O Worldwatch Institute, organização ambientalista norte-americana,[1] tem ganhado destaque nesse particular com suas análises neomalthusianas, em que mostra o crescimento lento na produtividade física dos arrozais e trigais asiáticos, com declínio mundial no uso de fertilizantes na agricultura. O instituto tem trabalhado com a hipótese de que o aumento da renda disponível na China levará a um desequilíbrio econômico e ambiental global, com aquele país necessitando adquirir cerca de 350 milhões de toneladas de cereais por ano, nas primeiras décadas do século XXI.

Nessa área polêmica e delicada, posicionam-se contra suas idéias a FAO e entidades como o Instituto Internacional de Pesquisa de Políticas Alimentares, de Washington, também defensor da necessidade de maiores investimentos na pesquisa agrícola, mas que não acredita na iminência de uma crise

Os otimistas alegam, por exemplo, que na África usa-se tão-somente 1/4 do total dos fertilizantes empregados no território indiano. Assim, pode-se esperar que a consecução de melhores padrões tecnológicos aumente a produção em áreas críticas. Obviamente, se isso ainda não foi feito, é porque persistem problemas de outra ordem. Segundo a ONU, não deve causar preocupação a falta de comida no século XXI — que, segundo ela, será tratada a seu tempo pela biotecnologia — e sim a situação atual de miséria de cerca de 700 milhões de pessoas afetadas apenas pela subnutrição e por carências absolutas.

No momento, porém, assiste-se a uma escalada nos preços que lembra o ocorrido no início dos anos 70. Em um ano, desde abril de 1995, os preços do trigo pularam de US$140/t para até US$230/t no mercado de futuros. A forte alta dos preços tem levado a sucessivos aumentos no preço interno da farinha de trigo, no Brasil, e acarretará maior dispêndio com as pesadas importações do cereal. Recentemente, porém, os preços cederam, em função de relatórios divulgados pelo Departamento de Agricultura dos EUA, no início de maio, em que as exportações norte-americanas apareciam reduzidas e a nova safra era apresentada em condições piores do que o esperado. Em meados do mês, a expectativa de chuvas fracas no Meio-Oeste veio arrefecer um pouco mais os preços, que se situaram em US$214/t para o mês de julho.

Produção brasileira

Em termos da produção brasileira de inverno, agora em fase de plantio, confirmam-se as inten-

[1] O instituto é presidido pelo conhecido pesquisador Lester R. Brown, autor do livro *O vigésimo-nono dia*, lançado em 1980, que há vários anos tenta convencer os governos a atentarem para a possibilidade de uma crise global a partir da escassez de alimentos e de energia.

Trigo — balanço mundial de oferta e demanda

Safra 1995/96 — em mil

Região	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo p/ração	Consumo total	Exportação	Estoque final
Mundo	117,38	534,68	111,00	94,32	550,91	110,92	101,15
EUA	13,79	59,48	1,77	4,76	31,35	35,38	8,30
Outros	103,60	475,20	109,24	89,55	519,56	75,54	92,85
Maiores exportadores*	20,88	137,25	18,66	41,79	93,23	64,26	19,29
Argentina	0,15	8,60	0,03	0,10	4,33	4,30	0,15
Austrália	2,37	16,62	0,02	1,70	3,97	13,00	2,04
Canadá	5,94	25,43	0,13	4,00	7,73	17,90	5,87
UE-15	12,42	86,59	18,48	35,99	77,19	29,06	11,24
Maiores importadores **	34,25	145,07	40,21	14,84	183,55	4,28	31,71
China	21,72	100,00	13,00	3,20	113,00	0,02	21,70
Europa Oriental	6,47	34,99	1,06	10,95	32,08	3,86	6,58
Norte África	4,05	8,13	13,85	0,16	24,11	0,00	1,92
Bálticos	0,46	0,86	0,15	0,55	1,24	0,00	0,23
Ex-URSS	18,93	59,16	9,44	27,87	73,58	4,10	9,85
Rússia	7,37	30,10	4,80	17,92	40,12	0,10	2,05
Casaquistão	3,50	6,50	0,00	1,65	5,60	3,00	1,40

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA.
Obs.: Os totais de importações e exportações não coincidem, devido a diferenças nas informações de alguns países.
* Argentina, Austrália, Canadá e União Européia-15 (inclui o comércio interno da União).
** Argélia, Brasil, China, Egito, Europa Oriental, Japão, Líbia, Marrocos e Tunísia.

ções de aumentar a produção, e a Conab considera que a safra total da época (composta pelos cereais de inverno — aveia, centeio, cevada, trigo e triticale — e pelo feijão da terceira safra) poderá totalizar até 3,3 milhões de toneladas, das quais 2,6 milhões serão de trigo, que teria um acréscimo de quase 72,5% na produção. Observe-se que a pequena produção dos demais cereais persiste, em razão de seus mercados peculiares. A cevada só será interessante se for comprada pelas cervejarias e, para tanto, precisará ter germinação mínima de 96% e teor de proteína abaixo de 12%. Se não se enquadrar nesses limites, seu destino é a fabricação de ração, por preço aviltado. O centeio mantém-se preso ao mercado dos pães integrais e a aveia tem como seus maiores compradores as indústrias de rações, embora o consumo humano esteja crescendo. Quanto ao feijão, o único que não é cereal, suas lavouras são irrigadas e conseguem boa remuneração, devido à oferta na entressafra da leguminosa.

No Paraná, o Departamento de Economia Rural — Deral-PR —, da Secretaria da Agricultura, atualizou em 15 de maio suas estimativas de safra (as anteriores eram de 24 de abril). Considerava que a área cultivada com trigo seria de 953 mil hectares e a de triticale de 47 mil (no ano passado, somaram, respectivamente, 579 mil e 49 mil hectares). A produção foi estimada entre 1,705 milhão e 1,895 milhão de toneladas para o trigo e entre 95 mil e 105 mil toneladas para o triticale. No relatório de 15 de maio, viu-se que a elevação dos preços mundiais continuou repercutindo, pois se passou a considerar a área de cultivo em 48 mil hectares para o triticale, com produção entre 96,8 mil e 106,5 mil toneladas. Para o trigo, os números passaram a ser 929,6 mil hectares e produção entre 1,695 milhão e 1,897 milhão de toneladas. Em meados de maio, estavam plantados 6,4% da área do triticale e 34,1% da área do trigo.

Brasil — produção da safra de inverno

1994/95 e 1995/96 — em mil t

Cultura	1994/95	1995/96	Var. %	Var. absoluta
Aveia	191,2	230,8	20,7	39,6
Centeio	3,2	3,2	0,0	0,0
Cevada	146,2	159,2	8,9	13,0
Feijão 3ª safra	279,0	279,0	0,0	0,0
Trigo	1.524,3	2.629,6	72,5	1.105,3
Total	2.143,9	3.301,8	54,0	1.157,9

Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul, segundo a Emater-RS, cogita-se de plantio da ordem de 500 mil hectares, mas a Fecotrigo acredita ser possível atingirem-se 600 mil. No ano passado, plantaram-se apenas 270.247ha. A produção poderá alcançar 675 mil toneladas, segundo a Conab (em 1995, foram colhidas 330 mil toneladas).

Os primeiros levantamentos das regiões produtoras só terão sido tabulados em fins de maio, mas acredita-se que o único problema colocado à grande expansão prevista é a pouca disponibilidade das sementes de variedades superiores.

Nos dois estados, a novidade da safra é o zoneamento agroclimático feito pela Embrapa. O Rio Grande do Sul, por exemplo, foi dividido em 35 zonas agroclimáticas e a adesão dos triticultores ao zoneamento dá-lhes um abatimento na taxa do Proagro, que passa de 11,7% para 4%, empréstimo de custeio e sustentação pela Conab. O Banco do Brasil, principal financiador, anunciou que suas agências dispõem de recursos para assegurar o crédito ao plantio.

É interessante registrar que prossegue o esforço de lançamento de novas variedades adaptadas às condições do país. Antes da desregulamentação do mercado, tais variedades deveriam ser resistentes. Hoje, precisam atender também às necessidades das indústrias. Duas das novas variedades lançadas, Embrapa 48 e Embrapa 49, renderam nos ensaios dos três últimos anos 2.883kg/ha e 2.704kg/ha, no Rio Grande do Sul, e não tardam a estar disponíveis. Espera-se que possam agradar ao setor agroindustrial, auxiliando no processo de recuperação da produção tritícola brasileira.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

SOJA

Preços continuam elevados

As estimativas de maio para a produção de soja mantêm os números anteriores para os EUA e o Brasil, e alteram os de todos os demais produtores; a da Argentina, em um movimento pendular, voltou a ser calculada a maior. Os estoques mundiais da soja em grão continuam sendo considerados muito baixos, o que mantém a pressão altista sobre a Bolsa de Chicago.

O relatório do Departamento de Agricultura dos EUA, de 10 de maio, aumentou a estimativa dos estoques iniciais da safra 1995/96, de 22,78 milhões de toneladas, para 23,29 milhões. Também reajustou a produção de 600 mil toneladas, passando-a a 123,81 milhões. Deste modo, foi descontada a redução feita no mês anterior, quando diminuiu a estimativa da produção chinesa, de 14,5 milhões de toneladas para 14 milhões. Embora tenham aumentado também, os estoques finais continuam baixos (16,89 milhões de toneladas), ajudando a compor o atual quadro do mercado mundial de commodities.

A estimativa de maio não alterou os números dos EUA, mas sim os de todos os demais participantes do mercado. A produção brasileira, no entanto, foi mantida em 23 milhões de toneladas e a da Argentina, em um movimento pendular, voltou a ser calculada a maior, desta feita em 12,6 milhões de toneladas, mais do que as 12,5 milhões de março.

A safra mundial continua sendo considerada cerca de 10% abaixo da de 1994/95, o que já foi assimilado pelo mercado. No que se refere à próxima safra dos EUA, acredita-se que possa chegar a 61,7 milhões de toneladas, 5,7% acima da produção obtida em 1995/96, que ficou em 59,56 milhões. O resultado da Argentina é agora apenas 0,4% menor do que o do ano passado, e o do Brasil, que colheu 25,9 milhões de toneladas em 1994/95, é 11,2% menor.

No que se refere aos derivados, o USDA considera que a produção do óleo nos EUA, em 1996/97, chegará a 419 mil toneladas (1,5% a mais), mas os estoques finais crescerão 13,7%, atingindo 49,7 mil toneladas. O farelo, segundo a mesma fonte, deverá ter produção 0,4% maior, totalizando 885 mil toneladas, com estoque final igual ao do ano-safra anterior, de 6,1 milhões.

Situação no Brasil

Encerrada a colheita gaúcha, confirmou-se que as perdas somaram 25%, relativamente ao conseguido no ano passado. A Fecotrigo registrou 2,81 milhões de hectares cultivados, 4,39 milhões de toneladas produzidas e rendimento físico médio de 1.561kg/ha.